

## **Quando a Dor Vira Pesquisa: Como o Disciplinamento do Meu Corpo me Levou a Pesquisar a Cisheteronormatividade no Jornalismo<sup>1</sup>**

José Ilton PORTO<sup>2</sup>  
Universidade de São Paulo - USP

### **RESUMO**

Este texto aborda a trajetória do disciplinamento do corpo do pesquisador, que o conduziu à investigação da cisheteronormatividade no jornalismo. O estudo analisa os constrangimentos relacionados à identidade de gênero e sexual, propondo uma reflexão que pode servir de alerta para docentes, entidades sindicais e empresas jornalísticas. Sua pesquisa pretende contribuir com os estudos de gênero na área de Comunicação, além de oferecer um diagnóstico sobre o ensino do jornalismo e o campo profissional.

**PALAVRAS-CHAVE:** jornalismo; corpo; LGBTQIA+; cisheteronormatividade.

### **CORPO DO AUTOR**

“Ilton, tenta cuidar os seus trejeitos em frente às câmeras!”. Esta foi a frase dita por minha professora da graduação, que certa vez me constrangeu perante minha equipe no projeto de extensão universitária. Foi a partir desse dia que comecei a perceber que o jornalismo reproduzia uma heteronormatividade intrínseca à sociedade – que se estrutura como espaço de (re)produção de discursos biológicos, religiosos e políticos que determinam padrões a serem seguidos por todos os sujeitos. A naturalização de uma heterossexualidade imposta por nossa cultura descarta quaisquer que sejam outras identidades, estigmatizando sujeitos que subvertem a norma. Foi a partir desse dia que comecei a pensar que jornalistas LGBTQIA+ são submetidos/as aos constrangimentos e sanções que não são apenas derivados da política organizacional da empresa, são perpassados/as por uma cisheteronormatividade constitutiva do jornalismo (Porto, 2023).

Não foi a primeira vez que me pediram para “cuidar os trejeitos”. Lembro-me que, quando pequeno, ao sentar com as pernas cruzadas, algum adulto da família disciplinava o meu corpo: “senta como homem!”. Nasci no interior da Bahia, numa região onde o discurso de que devemos ser “cabra macho” ecoava a todo instante. Os papéis de gênero são bem delineados e qualquer pessoa que ousa fugir à rota fixada é colocada num patamar de subalternidade, vivenciando o preconceito.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação, Performances e Corporalidades, evento integrante da programação do 28º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 15 a 17 de maio de 2025.

<sup>2</sup> Doutorando do PPGCOM da ECA-USP, email: [iltonporto@usp.br](mailto:iltonporto@usp.br).

Apontaram-me gay, ainda na escola, quando eu mal sabia o que era sexualidade. Falaram da minha identidade sexual na graduação, quando eu ainda estava descobrindo o que era identidade e performando uma heteronorma. Censuraram o meu jeito de ser/estar no mundo porque seria constrangedor para aquela empresa se o meu corpo não correspondesse aos códigos culturais de gênero.

Nesta conjuntura, se encontra a violência LGBTfóbica oriunda dos discursos de uma sociedade machista e conservadora, em que a cisheteronormatividade regula os corpos, criando um parâmetro de normalidade em relação ao gênero e sexualidade. A família, a igreja, a escola, o jornalismo, entre outras instituições sociais, não são espaços apenas de circulação de corpos. Todas essas instituições se estruturam como espaços de (re)produção de discursos biológicos, religiosos e políticos que determinam padrões a serem seguidos por toda sociedade. São, como identifica Teresa De Lauretis, “tecnologias de gênero” (1994). A naturalização de uma cisheterossexualidade imposta pela nossa cultura descarta quaisquer que sejam outras identidades, assim, demarca as subjetividades para que sejam sempre cisgêneras e heterossexuais, estigmatizando quem subverte a norma hegemônica.

Por falar em instituições sociais, vamos voltar ao tempo e entender de onde vem essa pesquisadora bicha, cis, branca e baiana. Aliás, “estou” bicha, cis, branca e baiana, uma vez que para Butler (2003) o sujeito é um devir, está sempre em processo, se constrói no discurso pelos atos que executa e no encontro com o outro. Nessa resignificação contínua, problematizando a ideia de essência do sujeito, considero todas as minhas multiplicidades. Por isso, é fundamental (re)afirmar-me dentro das minhas pesquisas e, sobretudo, referir-me no feminino, porque a minha pesquisa é corporificada e busca fugir das amarras da ciência canônica, masculina e heterossexual – é um saber localizado (Haraway, 2009).

O ano é 2007. Eu era membro da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Um rapaz de 17 anos que era visto por aquela congregação como um exemplo a seguir. A verdade é que eu sempre me senti diferente dos outros rapazes, mas passei boa parte da vida mentido para mim.

Era uma sexta-feira à noite, do mesmo ano, quando encontro-me aos prantos na beira da minha cama. Foi o momento que falei em voz alta: “Sou gay! Pode mentir para todo mundo, menos para você”. Aquela frase ecoou na minha mente como um soco no

estômago. De joelhos, em oração, peço a Deus para tirar “isso” de mim. “Como vou conviver com esse fato a vida toda? Eu não quero ser assim!” Era a pergunta que eu procurava resposta a partir dali. Sentia-me pecador e anormal<sup>3</sup> (no sentido ruim da palavra).

Meu celular toca, eu seguro o choro e atendo. Era uma irmã da igreja que me convidava para substituir o pregador que faria o culto da manhã seguinte. Eu aceitei o convite, mesmo sentindo que de alguma forma aquilo era errado. Como um garoto gay subiria ao púlpito para pregar a palavra do Senhor? Naquela manhã, eu preguei sobre a minha sexualidade sem a igreja perceber que este era o tema. Eu estava disposto a ser honesto comigo. E aquele sermão foi o último que eu preguei.

Fiquei no armário por mais quatro anos. E, naquele momento, só saí dele porque eu fui tirado. Para Prado e Machado (2012), o que torna o “sair do armário” um processo implicado por sofrimentos, é a obrigação, na maioria das vezes, da busca por outros lugares de sociabilidade, de trabalho e identificação. O processo de “sair do armário” não consiste em dizer ao mundo que se é gay, mas viver de maneira natural tal como todos os fazem.

Infelizmente, saí de casa pelo fato de ser quem sou e encontrei nos estudos o alicerce para mudar de vida. Sabe aquele discurso da compensação que as pessoas LGBTQIA+ vivenciam? “É gay, mas é jornalista!”. “É sapatão, mas é a analista da empresa!”, “É travesti, mas estuda na Federal!”. Apeguei-me a isso como artifício de sobrevivência e da busca por aceitação. Anos depois fui acolhido por minha família – hoje, todas as pessoas estão “batizadas” na teoria *queer*.

Ingressei na faculdade de jornalismo, numa cidade que eu não conhecia ninguém. Era a bicha baiana em terras gáuchas. Comecei a namorar um estudante de publicidade. Meses depois, recebo um e-mail do pastor – que foi informado sobre o meu relacionamento. Sim, eu fui expulso da igreja por ser um homem gay. Porém, eu já tinha desconstruído a imagem que pintaram de um deus para eu ter a liberdade de ser quem sou.

Eu já estava muito bem resolvido, fato é que meses depois quando a professora disciplinou o meu corpo, algumas reflexões vieram à tona: o jornalismo contribui para o processo de reprodução de valores hegemônicos de gênero e sexualidade? Ele reproduz

---

<sup>3</sup> Ver “Os anormais”, 1975, de Michel Foucault.

um padrão heteronormativo vigente em nossa cultura? Foram esse apontamentos que me levaram a pesquisar, no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em 2016, como se configura a heteronormatividade no exercício da profissão do jornalista gay. Realizei entrevistas com dez jornalistas, entre 23 e 53 anos, autodeclaradas gays e que estão no exercício da profissão. Mapei as expressões de heteronormatividade vivenciadas no campo e como o jornalista vela a identidade sexual para se tornar um “sujeito legítimo” no âmbito redacional. Este mapeamento permitiu perceber o que estava a minha espera: o estigma (muitos jornalistas gays são aceitos nas redações para trabalhar em determinados seguimentos); piadas, deboches, brincadeiras e comentários preconceituosos; disciplinamento do corpo (o jornalista gay sofre censura dos colegas de trabalho); autocensura (o jornalista gay fabrica em torno do seu corpo uma performance heterossexual ao conter seus trejeitos); diferença salarial; as sanções nos material jornalístico e em pautas com temática LGBTQIA+; negligência aos termos da comunidade no produto jornalístico; o discurso sobre o fazer técnico jornalístico, que reforça a discriminação e a heteronormatividade (Porto e Feitosa, 2017).

Guacira Louro (2008) afirma que somos “viajantes pós-modernos”, e, como viajantes, temos uma trajetória a ser seguida. Trazendo esta metáfora para o campo do gênero e da sexualidade, pode-se dizer que o “sujeito-viajante”, ao nascer, tem um caminho traçado. A cultura, ao qual estamos imersos, afirma que esse caminho é o da cisheterossexualidade. Todavia, para alguns a bússola aponta para outra direção. Estes fogem da rota fixada, se aventuram por outros caminhos e experimentam o inesperado. “Aventureiros ou desviantes, seduzidos ou empurrados por quaisquer razões, há aqueles e aquelas que se desviam das regras e da direção planejada” (Louro, 2008, p.17). O corpo, segundo Louro (2008), dentro do processo cultural, é ensinado, disciplinado, medido, avaliado, examinado, aprovado (ou não), categorizado, magoado, coagido, consentido, dentro da lógica cisheteronormativa. Contudo, ainda que sejam tomadas todas as precauções, há quem transgride os arranjos e subverte a cisheteronormatividade, estes se tornam resistência. É aqui, em meio as minhas inquietações pessoais e acadêmicas, que surge o projeto de dissertação que investiga quais são as marcas de resistência das jornalistas LGBTQIA+ à cisheteronormatividade na profissão.

No mestrado, ampliei meu olhar sobre os sujeitos da pesquisa para não apenas partir do padrão masculino, uma vez que, dentro das possibilidades das identidades de

gênero e sexuais, homens gays cis são privilegiados. Esse deslocamento me fez repensar alguns conceitos e referenciais teóricos. Não podia falar apenas em heteronormatividade, uma vez que a heterossexualidade é representada também por pessoas trans. É aqui que eu incluo o prefixo cis ao termo e, de fato, começo a entender como a cisheteronormatividade opera no jornalismo.

Se antes, por meio das minhas dores, eu compreendi como nós jornalistas gays nos autocensuramos na profissão, ocultando nossa identidade, agora eu estava pesquisando o inverso: como nós resistimos a norma de gênero e sexualidade no espaço laboral. Desse modo, algumas ações de resistências foram mapeadas na minha dissertação: ser abertamento LGBTQIA+ no mercado de trabalho; se posicionar no espaço laboral; romper com estereótipos de gênero; se apropriar de uma linguagem mais inclusiva; ser referência nas pautas de gênero e sexualidade, mas fugindo do estigma; se apropriar de símbolos do movimento LGBTQIA+ (como a nossa bandeira); se posicionar nas redes sociais; indicação de cursos e palestras para gestores e alta liderança; formação de comitê de Diversidade e Inclusão na empresa; dialogar com coletivos/movimentos sociais; optar pelo jornalismo alternativo; produzir narrativas de alteridade e buscar por fontes LGBTQIA+; abordar a temática LGBTQIA+ e demais marcadores sociais em suas pautas; uso do ao vivo no telejornalismo para trazer sua subjetividade; fazer pequenos acordos com a chefia da empresa, pensando numa prática jornalística mais solidária (Porto, 2023). Perceba que a minha dissertação é uma resposta para os achados na monografia.

Agora, no doutorado, este corpo (não mais) disciplinado, volta seu olhar para o ensino de jornalismo e a urgência de disciplinas que contemplem questões de gênero e sexualidade – é um convite para enviadescer o currículo. Quero entender como a cisheteronormatividade permeia o ensino em jornalismo e compreender como as/os discentes se expressam perante a normatividade hegemônica. Assim, as sujeitas/os da pesquisa serão estudantes autodeclaradas/os lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis e queers que estejam no curso de jornalismo das universidades brasileiras. Amparados no feminismo decolonial (Lugones, 2024), os conceitos de gênero, identidade e cisheteronormatividade nortearão minha tese, de natureza qualitativa e empírica. Apoia-se metodologicamente nos moldes etnográficos, por meio do diálogo com as/os sujeitas/os da pesquisa e anotações no diário de campo.

Se transformamos a dor em pesquisa, a pesquisa também nos transforma. A professora que me pediu para cuidar os trejeitos durante a graduação esteve na minha banca de mestrado e compartilhou o quanto aprendeu com as minhas pesquisas, a ponto de mudar sua abordagem pedagógica e começar a incorporar uma perspectiva de alteridade em sua prática docente. Além disso, ela disse: “O Ilton pesquisa suas dores”. Foi nesse momento que compreendi que foram justamente as minhas próprias dores, por meio do disciplinamento do meu corpo, que me trouxeram até aqui.

Pontuei que sou da Bahia porque “temos de baianar cada vez mais a academia, desestabilizar seus pressupostos, descentralizar a Europa, interrogar o sudeste bandeirante e sóbrio de caretices” (Vergueiro, 2015, p.186).

## REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão da identidade. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

HARAWAY, Donna. **Saberes localizados**: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. Cadernos Pagu, Campinas, n.5, p.7-41, 2009.

LAURETIS, Teresa de. **A tecnologia de gênero**. In: HOLLANDA, Heloisa (Org.). Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LOURO, Guacira. **Um corpo Estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. 1. ed. 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

LUGONES, María. **Colonialidade e Gênero**. In: BUARQUE DE HOLANDA, Heloísa (Org.). Pensamento feminista hoje: Perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Editora Bazar do Tempo, 2024.

PORTO, José Ilton. **Marcas de resistência das jornalistas LGBTQIA+ à cisheteronormatividade na profissão**. 2023. 81p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

PORTO, J. I; FEITOSA, Sara. **“Põe a cara no sol, mona”**: a heteronormatividade no exercício da profissão do jornalista gay. SBPjor / Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo - São Paulo, 2017.

PRADO, Marco Aurélio Máximo; MACHADO, Frederico Viana. **Preconceito contra homossexualidades**: a hierarquia da invisibilidade. São Paulo: Cortez, 2012.

VERGUEIRO, Viviane. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes**: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade. 2015. 244p. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) – Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.